

Pressupostos teóricos da linguística cognitiva e da análise cognitiva e social do discurso: algum encontro?

Suelen Martins

Submetido em 25 de agosto de 2016.

Aceito para publicação em 16 de dezembro de 2016.

Cadernos do IL, Porto Alegre, n.º 52, mês de 2016. p. 270-284

POLÍTICA DE DIREITO AUTORAL

Autores que publicam nesta revista concordam com os seguintes termos:

(a) Os autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Creative Commons Attribution License, permitindo o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria do trabalho e publicação inicial nesta revista.

(b) Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.

(c) Os autores têm permissão e são estimulados a publicar e distribuir seu trabalho online (ex.: em repositórios institucionais ou na sua página pessoal) a qualquer ponto antes ou durante o processo editorial, já que isso pode gerar alterações produtivas, bem como aumentar o impacto e a citação do trabalho publicado.

(d) Os autores estão conscientes de que a revista não se responsabiliza pela solicitação ou pelo pagamento de direitos autorais referentes às imagens incorporadas ao artigo. A obtenção de autorização para a publicação de imagens, de autoria do próprio autor do artigo ou de terceiros, é de responsabilidade do autor. Por esta razão, para todos os artigos que contenham imagens, o autor deve ter uma autorização do uso da imagem, sem qualquer ônus financeiro para os Cadernos do IL.

POLÍTICA DE ACESSO LIVRE

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona sua democratização.

<http://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/index>

Sexta-feira, 30 de dezembro de 2016

23:59:59

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DA LINGUÍSTICA COGNITIVA E DA ANÁLISE COGNITIVA E SOCIAL DO DISCURSO: ALGUM ENCONTRO?

THEORETICAL FRAMEWORK OF COGNITIVE LINGUISTICS AND SOCIAL-COGNITIVE DISCOURSE ANALYSIS: ANY CONVERGENT POINTS?

Suelen Martins*

RESUMO: A discussão sobre o que é a linguagem e o que é a cognição tem sido muito cara ultimamente, já que esses conceitos podem ser avaliados a partir de diferentes vieses epistemológicos. Assim nosso objetivo com esse artigo é refletirmos sobre os postulados teóricos adotados sobre a linguagem e a cognição no bojo da Linguística Cognitiva e da Análise Cognitiva e Social do Discurso. O arcabouço teórico é composto por textos que tratam da noção de cognição e de cognição social. O trabalho apresentado se justifica, uma vez que, atualmente, torna-se importante discutir como se dá a interseção entre duas correntes teóricas: a Linguística Cognitiva e a Análise do Discurso. Acreditamos que essas correntes podem contribuir uma com a outra na reflexão sobre os fatos linguísticos que se observam no uso da língua. A partir da seguinte investigação, consideramos que, apesar de aparentemente essas bases epistemológicas serem divergentes, vê-se que a Linguística Cognitiva e a Análise do Discurso sob a perspectiva da Cognição social valorizam a análise de textos autênticos e a perspectiva da língua em uso.

PALAVRAS-CHAVE: cognição; cognição social; Linguística Cognitiva; Análise Cognitiva e Social do Discurso.

ABSTRACT: The discussion about what is language and what is cognition has been very significant nowadays, since these concepts can be inquired from distinct epistemological biases. Then, our aim with this study is conjectures about the theoretical frameworks regarding language and cognition on the fields of Cognitive Linguistics and Social-Cognitive Discourse Analysis. The theoretical framework is composed by texts that focus the notion of cognition and social cognition. The presented work currently justifies itself, once it is important to discuss how the intersection between two theoretical currents occurs: Cognitive Linguistics and Discourse Analysis. We believe that these currents can contribute with each other in the reflection on the linguistic facts that are observed in the use of the language. From this research, we conclude that, although these epistemological biases are apparently different, we see that Cognitive Linguistics and Discourse Analysis from the perspective of social cognition value analysis of authentic texts and the language in use.

KEYWORDS: Cognition; Social Cognition; Cognitive Linguistics; Social-Cognitive Discourse Analysis.

* Doutoranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mestre em Estudos de Linguagem pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), especialista em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG) e graduada em Letras Português/Inglês e suas respectivas literaturas pelo Centro Universitário de Belo Horizonte (UNI-BH), susudalettras@yahoo.com.br.

1. Introdução

A cognição, no tocante da Linguística Cognitiva, doravante LC, atualmente, não é tratada mais como modular¹, perspectiva típica do Gerativismo. A noção que prevalece hoje é a de que os módulos são vistos como correlacionados, havendo “interação entre estrutura linguística e conteúdo conceptual” como afirma Ferrari (2011, p. 14). Já para a Análise do Discurso e Cognição social, aqui posta como ADCS, a cognição se relaciona à prática discursiva proveniente do sócio-histórico e da memória, sendo que nenhuma dessas partes está dissociada. Nessa concepção, o pré-discurso é a medida de análise da cognição na ADCS. Quanto à linguagem, na Linguística Cognitiva, ela é uma forma de construir conhecimento graças à experiência humana e à organização conceptual. A linguagem, na Análise do Discurso e Cognição Social, apresenta produtos advindos de experiências anteriores – discursos – que circulam socialmente.

A partir dessas considerações preliminares, perguntamos: em que aspectos a Análise Cognitiva e Social do Discurso e a Linguística Cognitiva compartilham de pontos de vista no que concerne à linguagem em uso, ao experiencialismo, à esquematização, ao ambiente em que o indivíduo se insere, por exemplo? Quais seriam os aspectos relacionados a cada uma das vertentes que as diferenciam? Almejamos mostrar, nestas páginas, as bases epistemológicas de cada linha teórica. Por fim, argumentamos em prol da ideia de que os postulados da Linguística Cognitiva, apesar de parecerem distantes, em suas essências, das formulações da Análise Cognitiva e Social do Discurso, podem ser similares no que concerne às noções de experiencialismo, de *frames* ou enquadres e de categorização. Além disso, observamos que as duas correntes comungam de mesmo ponto de vista ao se aterem ao estudo da língua em uso. Essas vertentes se distanciam no que tange à problemática do social que é pouco explorada na Linguística Cognitiva, já que para esta o mais significativo é a observação da mente, da construção dos esquemas mentais, do que ocorre no interno do indivíduo e da relação deste com o corpóreo. Já no que diz respeito à Análise Cognitiva e Social do Discurso, tem-se preocupação com o ambiente externo, ainda que não se descarte o zelo para com a reflexão sobre o ambiente interno, para com a anterioridade discursiva e para com a partilha.

Este estudo se insere na categoria de texto teórico sem compromisso com a análise de um *corpus* com grandes dados. A partir da Linguística Cognitiva, apresentamos informações sobre como a linguagem serve para materializar e para significar a rede conceptual, por meio de esquemas sensoriais e motores, inerentes ao ser humano. Já em termos de Análise Cognitiva e Social do Discurso, os dados teóricos versarão sobre como a linguagem e a cognição estão a favor do sócio-histórico, da memória e da anterioridade. Os conceitos norteadores de nossa discussão, tanto no âmbito da Linguística Cognitiva quanto no da Análise Cognitiva e Social do Discurso, guardando suas devidas reservas inerentes às linhas conceituais, são: linguagem,

¹ Segundo o Gerativismo, a mente seria dividida em módulos. Os módulos cognitivos da linguagem seriam independentes de outros como os de percepção, a saber. Nesse ponto de vista, o módulo sintático da linguagem seria o mais preponderante, tendo supremacia sobre os módulos semântico e fonológico, por exemplo.

cognição, pré-discurso, memória, conhecimento enciclopédico, experiencialismo, categorização, *frame* ou enquadre.

Este estudo é importante, posto que possibilita a reflexão sobre como ocorre a linguagem e a cognição. Este trabalho mostra como as outras categorias (experiencialismo, experiencialidade, esquematização, ambiente externo e interno) apresentam-se a depender do quadro teórico que se adota. É nosso objetivo com isso endossar algumas dissidências, mas principalmente elucidar as coincidências ou aproximação de pontos de vista que se instauram entre essas concepções, bem como mostrar como a LC e a AD podem focar o uso, o que seria entre elas um dos pontos de convergência. Reconhecemos, no entanto, consoante Moraes (2015), que abordar a ligação entre a LC e a AD é desafiador, já que há diferenças entre essas duas bases epistemológicas. O propósito dessa reflexão não é hierarquizar os pressupostos teóricos, porém mostrar que são igualmente importantes a depender dos intentos de cada pesquisador.

É graças à reflexão sobre o leque que se abre em torno dos estudos do funcionamento da linguagem, da cognição e de outras categorias que optamos por discuti-las sob o ponto de vista da LC cujos maiores expoentes são Katz e Fodor (1963), Rosch (1973, 1978), Lakoff (1987, 2004), de Fillmore (1982, 2006), de Geeraerts e Cuyckens (2007), com o aporte da estudiosa da área Ferrari (2011) e sob a perspectiva da AD cujos nomes mais expressivos são Vignaux (1990) e Paveau (2007, 2012, 2013). A seguir, apresentamos ponderações sobre as bases teóricas das duas correntes.

2. Pressupostos da Linguística Cognitiva: os conceitos de cognição, de linguagem e outras categorias

Esta seção tem como objetivo apresentar os principais postulados da Linguística Cognitiva, especificamente em se tratando da Semântica Cognitiva. Para termos ideia do processo de construção do significado, apelamos para a exposição dos conceitos de linguagem, de categorização, de prototipia, de conhecimento enciclopédico e de *frames*. Nossa intenção é, a partir de cada uma dessas máximas, formar a rede de conhecimento sobre os conceitos-base da corrente cognitiva.

Em primeiro lugar, a linguagem, na Linguística Cognitiva, é concebida como forma de construir conhecimento por meio da experiência humana com o mundo. Para Geeraerts e Cuyckens (2007), a estrutura formal da linguagem não é autônoma, mas reflexo da organização conceptual, dos princípios de categorização e dos mecanismos de processamento das influências da experiência com o ambiente. Esses autores também reforçam que LC lança olhos cobiçosos sobre a bagagem experiencial e a pragmática da língua em uso, sobre a relação entre linguagem e pensamento, incluindo questões sobre relativismo e conceptualização universal para entender grandes dados. A articulação entre os conceitos da Semântica Cognitiva (SC) e a Pragmática é relativa ao fato de a construção do significado, para essa semântica, levar em consideração o contexto de uso. Sendo assim, a LC postula que qualquer reflexão relacionada à linguagem deve obedecer a um critério de observação de base conceptual e experiencial. Resumindo, o conhecimento da linguagem emerge da língua em uso, por isso é tão artificial pensar em uma dissociação entre Semântica Cognitiva e Pragmática.

Em relação à análise de estruturas linguísticas, os partidários da LC instauraram a noção de supremacia da semântica na análise linguística, mesmo assim, enfatizamos

que os estudiosos da linha cognitiva também se pautaram na interface conceptual entre sintaxe e semântica, o que elimina a visão modular da língua. Essa valorização da semântica diz respeito ao fato de, nessa corrente, se destacar a construção do significado por meio de condições de verdade relacionadas aos *frames*, aos domínios, à metáfora conceptual, aos espaços mentais, à teoria da mesclagem, por exemplo. Isso quer dizer que a ideia de significação ampliou-se em se tratando de conceitos anteriores, a saber, aqueles relacionados à Semântica formal. Essa linguística também valorizou o conhecimento enciclopédico advindo do conhecimento de mundo e associado ao léxico para gerar significado.

Tendo como referência o parágrafo anterior, que traz, em princípio, as bases da Semântica Cognitiva, vemos que a categorização, do ponto de vista clássico de sua classificação, é a capacidade de agrupar entidades semelhantes segundo o critério de traços necessários e suficientes. Essa noção relaciona-se a Aristóteles e foi retomada por Katz e Fodor, em 1963. A partir desses dois autores, Ferrari (2011, p. 31) reflete que “nossas estratégias de categorização estão intimamente relacionadas à nossa capacidade de memória”. Nessa vertente, a categorização demanda que um elemento deve apresentar uma lista de atributos definidores, sendo então rejeitada a possibilidade de um elemento ser de dada categoria se um atributo fugir aos critérios de definição estabelecidos. Essa é uma visão mais rígida, pois os limites que definem o ser precisam ser objetivos e não há espaço para características periféricas. Contemporaneamente, graças aos trabalhos de Rosch (1973, 1978), surgiu o conceito de prototipia que, diferentemente da categorização, que considera o agrupamento de entidades semelhantes de objetos e pessoas, por exemplo, em classes específicas, por traços definidores, apresenta maior flexibilidade por abarcar os elementos mais centrais para caracterizar um ser, mais próximos aos protótipos até aqueles mais periféricos com poucos traços em comum com o núcleo da categoria. Vejamos o caso de se considerar a categorização de um animal que deveria ser mamífero, ter quatro patas, unhas retráteis, pelos, cauda longa, miar e ronronar, ou seja, ser um gato. Na teoria dos protótipos, a ausência de um desses elementos ou mais de um, por exemplo, a incapacidade de emitir sons – miar e ronronar – ou a ausência de uma das patas, não impediria que esse animal fosse um gato. A teoria da categorização, no entanto, é mais rigorosa quanto à definição do que é ser um gato.

Um dos conceitos centrais apresentados pela Linguística Cognitiva é o de conhecimento enciclopédico. Lembramos que a noção de categorização ou de prototipia tem relação com o que se entende por conhecimento enciclopédico, uma vez que é necessário, para decidir traços mais ou menos relacionados a um objeto ou a uma pessoa, acionar informações dispostas em nosso sistema conceptual. Esse conhecimento ajuda a compreender como se dá a construção e o entendimento do significado linguístico. Ressalvamos que, para a LC, o conhecimento de dicionário, bem como aqueles adquiridos por experiências, está atrelado ao conhecimento enciclopédico. Esses conhecimentos também são significativos para se compreender o contexto, necessário para a clareza do significado, e ajudam na construção dos *frames*, conceito cunhado por Fillmore (1982) e Lakoff (2004), a ser elucidado a seguir. Segundo Ferrari (2011, p. 19), “o conhecimento enciclopédico é um sistema estruturado e organizado em rede assumindo que os diferentes aspectos do conhecimento a que uma palavra dá acesso não têm *status* idêntico.” Assim sendo, essa rede que Ferrari (2011) menciona apresenta pontos-chave como ser convencional, genérica, intrínseca, característica. O primeiro diz respeito à centralidade da informação de tal forma que é compartilhada pelos membros,

enquanto o segundo relaciona-se com a generalidade da informação. Notamos que esses pontos estão imbricados, uma vez que quanto mais geral for uma informação, mais convencional será. A capacidade intrínseca não leva em consideração fatores externos à linguagem enquanto o último fator refere-se à identificação do membro de uma classe.

A contribuição dos teóricos da linha cognitiva permite-nos abrir possibilidade de debate sobre a importância do léxico em consonância com a cognição humana – fruto das experiências corpóreas dos indivíduos. No que diz respeito à avaliação de estruturas gramaticais, essa corrente ajuda no entendimento do simbólico e do predomínio da cognição. Vemos as condições impostas pelo significado como fruto de experiências com o ambiente externo e esse significado manifesta-se sob a forma de esquemas. Aliás, quanto ao significado, é preciso afirmar que ele não é exclusivamente nem prioritariamente linguístico. Esse significado surge a partir de esquemas imagéticos advindos de experiências sensoriais, corpóreas e motoras do sujeito com o ambiente externo. São esses esquemas que dão significado às nossas experiências com o mundo.

Os conhecimentos enciclopédicos, advindos da esquematização gerada pelas experiências do indivíduo com o ambiente externo, ajudam a construir os *frames*. O estudo dos *frames* está alocado na Semântica de *Frames*, sendo esta semântica uma forma particularmente não composicional, portanto, não referencial, dentro da perspectiva empirista, de analisar significados bem como formular outros novos significados a partir de conhecimentos do sujeito por meio das experiências dele com o mundo e com a linguagem. Segundo Lakoff (2004, p. xv), “[...] são estruturas mentais que moldam o meio pelo qual vemos o mundo (*tradução nossa*)²”. A delimitação de esquemas tão importante para se pensar no léxico e na construção de significado depende do acionamento de *frames* semânticos. Por outras o significado das palavras está atrelado aos *frames*. São essas estruturas que, de acordo com Ferrari (2011, p. 49), “[...] permitem explicar por que a interpretação envolve sempre mais informação do que aquela diretamente codificada na forma linguística”. Quer dizer, o conceito de *frames* é bastante articulado com o que a LC promove enquanto filosofia linguística, uma vez que designam conhecimento estruturado por meio de memória gerada por experiências.

Os *frames* ou molduras são “[...] qualquer sistema de conceitos relacionados, de tal forma que, para entender qualquer um deles você tem que compreender toda a estrutura na qual ele se encaixa (*tradução nossa*)³” (FILLMORE, 2006, p. 373). São eles que permitem a formulação de espaços mentais compreendidos como esquemas em que se manifestam as ações cognitivas e ajudam a constituir os domínios. A fim de ilustrar o que seria um *frame*, tomamos como referência o seguinte enunciado retirado de Tenuta (2010).

(1) Naquele ano, eu **comprei** uma bicicleta.

Vemos que esses enunciados evocam um padrão ou um *frame* que é o de uma situação de compra de um objeto. Além disso, observamos que esse *frame* serve para

2 [...] are mental structures that shape the way we see the world.

3[...] any system of concepts related in such a way that to understand any one of them you have to understand the whole structure in which it fits [...].

organizar o conhecimento enciclopédico que possuímos sobre o que se acha provável encontrar em um contexto de transação comercial. A moldura que se espera ter, em relação a essa cena, envolveria vendedor, comprador, mercadoria, propaganda, valor da mercadoria, formas de pagamento.

Vale salientar que cada cultura teria o seu conjunto de *frames* e, segundo os postulados de Fillmore (*op.cit.*),

[...] o *frame* ou o fundo contra o qual o significado de uma palavra é definido e compreendido é proveniente de uma grande fatia da cultura circundante, e esta compreensão de fundo é melhor entendida como um "protótipo" e não como um genuíno corpo de suposições sobre a qual o mundo é assim (*tradução nossa*).⁴ (FILLMORE, 2006, p. 379).

A citação acima é respaldada pela lógica do *frame* de descrever significados, tendo, como pano de fundo, todo um sistema de categorias prototípicas formadas a partir do contexto em que o sujeito se encontra e experimenta as coisas do mundo. As próprias categorias são dependentes do contexto. O que Fillmore (*op.cit.*) propõe, com a Semântica de *Frames*, é uma análise da estrutura cognitiva em que a palavra evoca um *frame*, fruto da prototipicidade regulamentadora, que por sua vez, é advinda da experiência sensório-motora. É nesse processo que o significado emerge. A ideia de prototipicidade gerará elementos para o Modelo Cognitivo Idealizado (MCI), de Lakoff (1987), que representa um esquema, um enquadre. Vale ressaltar que esses MCIs são culturais, têm lógica interna e permite fazer inferências.

Outro estudioso dessa categoria foi George Lakoff. É preciso ressaltar que Lakoff, no livro “Mulheres, fogo e coisas perigosas: o que categorias revelam sobre a mente” (*tradução nossa*)⁵, de 1987, formula o conceito Modelo Cognitivo Idealizado que, em relação ao *frame*, de Fillmore (1982), é mais abrangente por ser um conjunto de *frames*, de domínios. São os MCIs que permitem a categorização das coisas do mundo e a variedade de interpretações. Esses Modelos Cognitivos Idealizados são proposicionais, são esquemas de imagem, são metonímicos, são metafóricos e são simbólicos. Os modelos de esquema servem para estruturar conceitos de difícil apreensão e são do tipo corpóreo e sinestésico. Os modelos proposicionais são ontológicos e constituídos pelas propriedades dos elementos. Os metonímicos e os metafóricos são sustentados por um domínio conceptual indireto na experiência humana. Por fim, os simbólicos associam elementos linguísticos com os elementos conceituais.

Os *frames* não podem ser vistos, porque fazem parte do nosso sistema conceptual não são conscientemente acessados. O léxico que escolhemos usar, em dada situação comunicativa, pode, porém, deixar transparecer esses *frames*. Como é posto pela Linguística Cognitiva, as expressões linguísticas são o reflexo de um processo

4 [...] the frame or background against which the meaning of a word is defined and understood is a fairly large slice of the surrounding culture, and this background understanding is best understood as a ‘prototype’ rather than as a genuine body of assumptions about what the world is like.

5 Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind.

cognitivo pelo qual o indivíduo passa que é mais complexo do que é observado no uso da linguagem. A cada uso de um dado conjunto de palavra pode ser exposto um *frame* que habita nossas mentes e que está na memória a mais tempo do que o próprio uso para acionar situações e expressões linguísticas.

Resumidamente, para a Linguística Cognitiva, o significado seria obtido por meio de nossas experiências sensório-motoras com o mundo. A esse fenômeno damos o nome de experiencialismo. Isso nos permite afirmar que um indivíduo só consegue significar coisas do mundo ou formular esquemas se tiver uma experiência com o seu entorno, com o ambiente que o circunda. Além disso, há, na LC, um interesse pela característica estrutural da categorização da linguagem, pelos princípios funcionais da organização linguística, pela interface conceptual entre sintaxe e semântica, pela bagagem experiencial e pragmática da linguagem em uso, pela relação entre linguagem e pensamento, incluindo questões sobre relativismo e sobre conceptualização universal.

A partir do apontamento dos pressupostos teóricos que regem os estudos na área de Linguística Cognitiva, na próxima seção, serão apresentados os princípios da Análise do Discurso e Cognição Social. Tentaremos mostrar como os conceitos acima são tratados na ADCS, além de expor alguns que são típicos dessa linha como o pré-discurso.

3. Pressupostos da Análise Cognitiva e Social do Discurso: os conceitos de cognição, de linguagem e outras categorias

Esta seção tem como objetivo apresentar os principais postulados da Análise do Discurso, especificamente em se tratando da área de Cognição Social. Para termos ideia do processo de construção do significado, apelamos para a exposição dos conceitos de linguagem, de lugares sociais do discurso, de cognição social, de pré-discurso. Nossa intenção é, a partir de cada uma dessas máximas, formar a rede de conhecimento sobre os conceitos-base da Análise Cognitiva e Social do Discurso.

Antes de adentrarmos a discussão sobre como a cognição social se articula com o discurso, é preciso refletir, ainda que insuficientemente para o espaço desta discussão, quais seriam os lugares sociais do discurso. No que concerne à primeira geração da Análise do Discurso, inaugurada por Michel Pêcheux, em 1968, diz respeito à análise voltada para o posicionamento e para os sistemas de representação, para a reflexão sobre as ideologias e as formações discursivas e para o debate sobre o sujeito assujeitado. Já na segunda fase, da década de 1980, de influência pragmática, houve preocupação analítica com a produção, ou melhor, as condições comunicativas (formas e formatos de interação) e as condições discursivas ou semiolinguísticas (formas de dizer). Por fim, refletimos aqui sobre o que seria então a terceira fase da Análise do Discurso, mais contemporânea e fruto dos estudos de Vignaux e de Marie-Anne Paveau, por exemplo, fase voltada para a análise do discurso, da cognição e do social.

A linguagem, para Vignaux (1990), refere-se à atividade de sistematização cognitiva que permite estabelecer propriedades dos objetos e movimentos discursivos. No que concerne ao processo de esquematização, podemos afirmar que se trata da construção conceptual do discurso e da linguagem. A linguagem, para a Análise Cognitiva e Social do Discurso (ACSD), é tida como uma mediação entre o homem e a realidade social, promovida pelo discurso que é capaz de significar. Para a Análise Cognitiva e Social do Discurso, o discurso é a prática de linguagem e ambos são

dinâmicos e mutáveis a depender das práticas sociais que envolvem essa linguagem. Não há linguisticamente linearidade na construção dos quadros comunicativos e nem plenitude, pois a linguagem e o discurso estão em constante movimento, pois são levados em consideração aspectos sócio-histórico-ambientais. Para a ACSD, não há acabamento dos sujeitos, dos discursos e dos sentidos. De acordo com Paveau (2007),

o discurso, articulado com dados exteriores, históricos, culturais, sociais, ambientais, que o impedem de ser um simples interior fechado em si mesmo: é um discurso orientado por seus anteriores (memória dos pré-discursos) e configurado pelos quadros da percepção e da categorização de um mundo “tanto feito quanto encontrado” (PAVEAU, *op.cit.*, p. 312).

A Análise do Discurso, doravante AD, que abarcava até então aspectos linguísticos e suas manifestações sob a forma de discurso, passou por momentos de transformação de suas bases epistemológicas a partir do momento em que percebeu a valiosa contribuição advinda dos estudos em cognição. Sem abandonar as bases dos pressupostos franceses e a fenomenologia europeia, a AD inseriu, no *hall* de seus debates, o fenômeno da cognição social, não linguística, uma versão social, filosófica e antropológica da cognição. O primeiro autor a mencionar o fenômeno da cognição foi Vignaux (1990) que conjuga esse conceito com as relações semânticas e a argumentação no discurso. Para Vignaux (*op.cit.*), o trabalho relativo à cognição está atrelado à argumentação instaurada no discurso e visa estudar regulamentos para a classe de objetos reais, para a leitura das propriedades de objetos que irão compor as categorias cognitivas tais como objetos similares, idênticos, compatíveis ou incompatíveis em termos de suas respectivas propriedades, estabilização dos sentidos e fechamentos no aspecto de conceitos avançados.

Ainda na discussão sobre cognição e discurso, partimos das discussões de Paveau (2013), que acredita que a cognição social encontra no conceito de pré-discurso, que será debatido nos parágrafos subsequentes, sua manifestação mais veemente. Quaisquer categorias relacionadas à cognição estão arroladas ao pré-discurso. A proposta de inserir a cognição no escopo da Análise do Discurso não representa um movimento de ruptura com o que se estudou em AD até então e sim uma proposta de continuidade em relação aos estudos anteriores com o aporte dos estudos cognitivos. Fica para nós a impressão de que o intuito da “nova vertente” da Análise do Discurso é amalgamar discussões, como aquelas promovidas pelos estudos da cognição, que podem contribuir para a reflexão além daquelas relacionadas somente às ideologias a título de ilustração.

Segundo a nova abordagem da Análise do Discurso, a cognição não está apenas retida na mente, mas se rende ao social e à partilha, este conceito muito caro à concepção de pré-discurso. Isso significa que o homem constrói níveis cognitivos em interação com sua mente e também com o seu meio ambiente exterior e material. Em suma, essa cognição está rendida à ecologia dos discursos⁶ em que fatores internos e externos coexistem para representar o discurso. Além disso, afirmamos que o controle

⁶ A ecologia dos discursos diz respeito ao fato de as atividades de linguagem serem cognitivas, observadas não somente sob o prisma internalista, mas relacionadas ao prisma externalista. Paveau (2013) vê um *continuum* entre interno e externo, entre dialogismo interno e dialogismo externo, em se tratando de processos enunciativos.

das atividades cognitivo-sociais é partilhado, situado ou distribuído entre os diferentes agentes do processo de interação social.

Na abordagem de Paveau (*op.cit.*), a cognição situada diz respeito à capacidade de o homem fabricar soluções para suas ações a partir da mobilização de recursos do ambiente sócio-cultural. Já a cognição partilhada trata-se da colaboração no centro das produções do conhecimento. A atividade sincrônica coordenada resulta dos esforços contínuos dos sujeitos para construir e manter uma concepção de resolução dos problemas compartilhada. Por fim, a cognição distribuída, se valendo da metáfora do *cockpit* de avião, é aquela que se ancora nos princípios da distribuição dos recursos cognitivos. A cognição distribuída se preocupa com a construção e com a transmissão de informações, não somente em se tratando da construção e da transmissão de saberes e competências inscritas na memória (ou na mente) mas também nos instrumentos cognitivos, artefatos, notas, especialidades. Resumindo o exposto, segundo Paveau (2012), a cognição distribuída são os processos mentais e cognitivos prolongados e distribuídos entre agentes e seu ambiente, compreendendo os dois artefatos e as estruturas sociais. Podemos afirmar que essa cognição distribuída poderia estar para o conceito de cognição distributiva em que o aprendizado não implica apenas processos mentais da cabeça do indivíduo assim como açambarca as interações intersubjetivas entre indivíduos. Não adiantando nossas considerações finais, esse é um fator que coloca as duas vertentes teóricas como, em tese, similares em alguns aspectos.

Uma das categorias mais importantes para a Análise do Discurso com base na Cognição Social é o pré-discurso. Para Paveau (2013), o pré-discurso é anterior temporal e espacialmente ao discurso, ou seja, relaciona-se com a memória e representa dados propagados por uma memória cognitiva-discursiva bem diferente do conceito de “memória discursiva”. Essa anterioridade está intrinsecamente correlacionada ao funcionamento discursivo enquanto a memória, sendo cognitiva e discursiva, são os dispositivos representacionais internos e externos. O contexto, na perspectiva da Cognição Social, é repensado como algo interno à consciência e à memória, além de ele abarcar também os quadros externos que são as realidades de nosso ambiente.

Paveau (2013, p. 130) define “os pré-discursos como um conjunto de quadros pré-discursivos coletivos (saberes, crenças, práticas) que dão instruções para a produção e para interpretação do sentido do discurso”. Os esquemas, segundo Paveau (*op.cit.*), são produto das relações com a mente, com o ambiente e com a vida em sociedade. Esses quadros têm seis propriedades específicas: a coletividade, a imaterialidade, a transmissibilidade, a experimentabilidade, a intersubjetividade e a discursividade. Em nossa discussão, não pretendemos aprofundar nas especificidades de cada propriedade, mas apresentar seus atributos mais elementares e relevantes.

O coletivo se desdobra em diacrônico e sincrônico. Este diz respeito à comunicabilidade enciclopédica ou “partilha” de saberes convocados ou à cognição distribuída. Paveau (2007) postula a competência enciclopédica como estrutura social de produção e de acúmulo de conhecimento, como conjunto de saberes implícitos sobre o mundo (competência cultural) e conjunto de sistemas de interpretação e avaliação do universo referencial. Em síntese, a competência enciclopédica são os saberes, as crenças e as lembranças; trata-se da articulação entre a produção linguageira e os saberes extra e pré-linguageiros. Essa produção linguageira, para Paveau (2012, p. 5), “não é mais diretamente ‘interpessoal’, porém mediada e distribuída (*tradução nossa*)”⁷. Junto à

7 [...] n“est donc pas directement « interhumaine » mais médiée et distribuée.

competência enciclopédica são apresentadas outras duas competências: a ideológica, “conjunto de sistemas de interpretação e de avaliação do universo referencial” (PAVEAU, 2013, p. 41) e a tópica que, segundo Sarfati a partir dos postulados de Kebrat-Orecchioni, em Paveau (*op.cit.*) corresponderia à competência cultural e ideológica. Essa coletividade do pré-discurso tem como alvo os conhecimentos da mente dos indivíduos e do mundo. Segundo Paveau (2013, p. 135), “ela é produto de interações entre sujeito e seu ambiente natural”. O diacrônico diz respeito à transmissão no tempo. A categoria mais acessível ao diacrônico é a memória, um agente de transmissão de saberes. Vemos que o conceito de coletividade está atrelado ao da intersubjetividade que, segundo Paveau (2007), é importante para justificar o porquê de os pré-discursos, conhecimentos e crenças serem acordos interpessoais coletivos. Essa intersubjetividade está relacionada também à noção de partilha, à ideia de distribuição e abrange critérios veri-relacionais e não-lógicos. Além disso, esse critério não julga valor de verdadeiro ou falso, pois as diferentes situações podem ser adequadas de acordo com o contexto. Em suma, para Paveau (*op.cit.*), o postulado da intersubjetividade é muito caro para a noção de pré-discurso, uma vez que dá ao indivíduo uma ilusão de que construção de versões individuais e originais do mundo.

Em se tratando da imaterialidade, diz-se que os pré-discursos de ordem tácita não são formuláveis explicitamente. É o caso dos argumentos sobre os recursos à autoridade. É nesse caso que surgem as ferramentas da tecnologia discursiva. Se na perspectiva cognitiva, o mundo é posto sob categorias, no que concerne à cognição social, o que permite categorizar são as ferramentas da tecnologia discursiva. Essas ferramentas, ou técnicas, ou artefatos ou objetos são meios pelos quais os pré-discursos elaboram discursos. Entendemos como ferramentas o *link*, o hipertexto, a *hashtag*, o *twitter*, o tecnomorfema (traços linguageiros), o botão de compartilhamento (acionamento de botão para aceitar pedido de amizade no *Facebook*). Resumidamente, as ferramentas da tecnologia discursiva ou ferramentas cognitivas são aquelas que permitem categorizar, pensar, construir, coletivizar e transmitir os pré-discursos.

Quanto à transmissibilidade, esta diz respeito à memória. É composta por eixo horizontal da comunicabilidade enciclopédica e pelo eixo vertical que é a transmissibilidade via linhagem discursiva. Segundo Paveau (2007, p. 321), “a transmissão se faz em sincronia e em diacronia, se podemos dizer assim, pela circulação tácita entre os diversos agentes humanos e não humanos de uma sociedade e por filiação dos antepassados falantes a seus descendentes.” O eixo sincrônico seria produto da interação entre o sujeito e seu ambiente natural, social e tecnológico. Já o eixo diacrônico diz respeito “à memória cognitivo-discursiva que constrói linhagens discursivas” (PAVEAU, 2013, p. 136). Esses agentes não humanos seriam as técnicas, objetos naturais e artefatos, por exemplo.

A experimentalidade é um fator que se relaciona a partir da experiência que constroem a percepção de mundo. Essas experiências são provenientes de uma memória que cada indivíduo carrega que, de acordo com a teoria cognitiva, é a corporeidade. Além disso, essa experimentalidade ou experiencialismo serve para pensar a anterioridade, a posterioridade ou a memória social que cada indivíduo possui. Os pré-discursos acolhem a verdade relativa ou aproximada por não ser próxima da verdade lógica. Para Paveau (*op.cit.*), “os quadros pré-discursivos coletivos acolhem. A experiência permite a antecipação do comportamento discursivo”.

Por fim, tem-se a discursividade que apela para os pré-discursos distribuídos nas mentes e nos ambientes culturais e físicos dos falantes. Essa discursividade diz respeito

às manifestações languageiras ou formas cognitivas e textuais que, para Paveau (2013, p. 141), são

tipologias nominais (listas de enumerações produzidas no discurso que permitem aos locutores categorizar sua experiência), metáforas apoiadas sobre saberes anteriores e antíteses fundadoras (os discursos que utilizam formas de debates seculares, como a querela dos Antigos e dos Modernos (PAVEAU, *op.cit.*, p. 141).

Essa discursividade se manifesta por meio das construções textuais que surgem a partir dessa relação que o indivíduo estabelece com o ambiente externo ou interno. Na Linguística Cognitiva, o que se expressa linguisticamente é resultado de esquemas mentais do sujeito.

Se na Linguística Cognitiva, os quadros ou *frames* são estruturas mentais que explicam o mundo, esses quadros ou *frames*, na Análise Cognitiva e Social do Discurso, estão postulados por Paveau (2013) como organizadores mentais que auxiliam na exposição da experiência humana coletiva e na construção discursiva. Segundo Paveau (*op.cit.*, p. 48), o interesse desses estudos é “analisar o funcionamento no discurso, dos saberes e crenças pré-construídas mobilizadas pelos sujeitos.” Esses organizadores são engendrados pela experiência, pela subjetividade do sujeito; são eles, em síntese, produto das relações com a mente, com o ambiente e com a vida em sociedade. Outra categoria mostrada pela Linguística Cognitiva é a de esquematização. Para Vignaux (1990), a esquematização trata-se do estabelecimento de uma construção conceptual do discurso do qual os meios languageiros necessitam para sua construção, diferentemente do que se concebe por esquemas, na Linguística cognitiva, que são imagens criadas na mente a partir de nossas experiências com o ambiente externo.

A partir dos dois quadros teóricos apresentados, passamos às reflexões sobre o que de fato se pode estabelecer como similar ou como diferente nessas duas epistemes. A próxima seção não é uma conclusão, uma vez que, estando as teorias aqui apresentadas, como quaisquer outras, em construção, resta-nos apenas apontar que possíveis considerações finais existem. Vemos que, apesar do grande esforço da Análise do Discurso em elucidar os debates sobre cognição, ainda há muito sobre o que refletir sobre como o social pode intervir em aspectos cognitivos.

4. Considerações finais

Apesar da tentativa de se postular diferenças entre as bases epistemológicas que permeiam os estudos da linguagem e da cognição tanto no âmbito da Linguística Cognitiva quanto no da Análise Cognitiva e Social do Discurso, vemos que há pontos convergentes entre os principais conceitos veiculados nessas linhas teóricas. Porém, efetivamos também que algumas categorias podem servir para diferenciar essas duas bases teóricas.

Observamos resumidamente que o ponto dissidente entre a cognição de base mentalista e aquela de fundamento social são suas premissas iniciais. Resumidamente, a cognição social leva em consideração a construção e a transmissão de representações, saberes, crenças e informações entre agentes humanos e não humanos na sociedade. Além disso, a cognição social é um paradigma sócio-cultural que teve sua história

iniciada nos Estados Unidos da década de 1990, veio para contestar a cognição “clássica” da internalidade das funções cognitivas e aquela cognição relacionada à psicologia cognitiva e à inteligência artificial. Já a cognição de base mentalista, surgida nos idos da década de 1980 com os trabalhos de Chomsky e posteriormente com os de Lakoff, Johnson e Fillmore, se preocupa com os fenômenos internos ao homem relacionados aos processos mentais.

Notamos que, apesar das diferenças no plano da superfície das bases teóricas aqui apresentadas, um ponto coincidente entre as duas vertentes é o uso. Isso porque, observamos, mesmo não fazendo análise de um conjunto de textos neste trabalho, que ambas partem da análise de categorias em *corpus* autêntico proveniente de situações concretas de interação. Quando Paveau (2013) discute que os locutores produzem seus discursos sem terem consciência de seus pré-discursos, ou seja, sem terem noção de suas anterioridades, essa autora afirma o que a linha cognitiva aborda: produzimos expressões linguísticas sem nos darmos conta do experiencialismo ou da corporeidade que engendra nossos esquemas conceptuais e, conseqüentemente, nossas expressões linguísticas.

O experiencialismo da Linguística Cognitiva, relativo às experiências do corpo com o ambiente, na Análise Cognitiva e Social do Discurso, ganha manifestação por meio do conceito de experimentalidade em que os pré-discursos são construídos por meio da percepção individual do mundo. Ambos os conceitos são ancorados pela ideia de memória que cada pessoa carrega. Embora Paveau (2013) faça críticas aos postulados de Lakoff e Johnson (1987), vemos que os princípios de experiencialismo e de experimentalidade não se distanciam, pois levam em consideração, cada um à sua maneira, a percepção do indivíduo quanto às suas experiências de mundo. Tanto o experiencialismo quanto a experimentalidade levantam questões relacionadas ao corpóreo do sujeito e também a como as experiências podem gerar conhecimento que, por conseguinte, se acumula de tal forma que vira cognição. Quanto à dicotomia ambiente interno e ambiente externo, observamos que, mesmo a Cognição social privilegiando o ambiente externo, Paveau (2007, 2012, 2013) não desconsidera o ambiente interno, mentalista, o nos permitiria afirmar que esse é um ponto de contato com as bases teóricas, constituindo assim uma progressão das teorias para um ponto comum.

Paveau (2013), ao afirmar que os locutores produzem seus conhecimentos sem terem conhecimento de seus pré-discursos, mostra que a vertente teórica que ela defende coaduna com o princípio da Linguística Cognitiva sobre como temos estruturas cognitivas das quais lançamos mão, na hora de nossa comunicação, sem nos darmos conta disso. Mesmo havendo, na Análise Cognitiva e Social do Discurso, uma brecha para a discussão sobre o conhecimento enciclopédico, essa vertente discute o conhecimento tácito para justificar os pré-discursos. Para Paveau (2013), esse conhecimento está no sentido de “que não está explícito e que não é destinado a ser”.

A Análise Cognitiva e Social do Discurso ganha, na atualidade, cada vez mais fôlego por não dissociar cognição e social e por considerar importantes os esquemas, tidos como resultado da somatória entre o ambiental e o social do sujeito. Esses esquemas mentais ou organizadores textuais, de acordo com Paveau (2013), seriam formados também por uma memória do sujeito. Quanto aos *frames* propostos por Lakoff (1987) e Fillmore (2006), vemos que esse conceito também está atrelado à memória que o indivíduo carrega. Talvez a diferença entre esses pressupostos teóricos fosse o fato de as memórias serem tratadas, na Linguística Cognitiva, como gerada por

experiências sensório-motoras que os sujeitos já vivenciaram. Arriscaríamos afirmar que, cada corrente, à sua maneira, trabalha com dados de memória episódica.

Quanto à memória social, também podemos afirmar que é proveniente, em partes, da soma das memórias ou experiências do corpóreo com o ambiental dos indivíduos. O que é experimentado por uma pessoa do ponto de vista do corpo acaba por ser convencionalizado. Exemplo disso é a experiência do homem com o fogo. Temos experiências corpóreas de queimadura, em menor ou maior escala, com o fogo e por isso sabemos que ele queima, machuca e destrói. Na língua, ao usarmos expressões como “queima total de estoque”, acionamos nossa memória para entendermos a metáfora relacionada ao término de estoque de produtos, pois o ato de queimar acaba com tudo. Ao mesmo tempo, vemos que essa memória torna-se coletiva pela experiência corpórea e individual dos sujeitos. Vemos a simbiose, com esse exemplo, das duas correntes teóricas. As produções discursivo-cognitivas de cada indivíduo se somam à produção social. Paveau (2007, p.320) chama a nossa atenção para o fato de que “o problema é identificar e descrever os pontos de passagem dos quadros pré-discursivos tanto entre os indivíduos, quanto entre o indivíduo e a sociedade, considerada aqui [...]”.

Diferentemente das apostas mais tradicionais que enxergam os paradigmas teóricos como estanques, este trabalho procurou mostrar que diferentes correntes da linguística podem apresentar categorias ou discussões que são similares entre si. Reconhecemos, em nossa discussão, a partir da reflexão de Morais (2015, p. 52), que “a AD é, por ofício, um domínio interdisciplinar” e assim passível de intersecção com outras áreas de conhecimento. As teorias evoluem para que haja uma espécie de “globalização” ou de postulação mais sistêmica e orgânica das categorias de análise que nos estudos de linguagem pode representar um ganho, já que isso poderia fortalecer o lugar da linguística como uma ciência fiável e menos intuitiva.

Para trabalhos futuros, talvez um caminho seria discutir outros aspectos, como os relacionados à metáfora, sob a ótica da Linguística Cognitiva e da Cognição Social. Um diálogo interessante seria debater como as proposições relacionadas à Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), cunhada por Lakoff e Johnson (1980 [2003]), estaria ligada ao conceito de Metáfora Distribuída, cunhada por Paveau (2013). Além da tentativa de estabelecer esse diálogo, seria caro entender os sistemas dinâmicos complexos funcionando a favor da metáfora distribuída e da metáfora sistemática propugnada por Cameron e Larsen-Freeman (2007) e por Cameron e Maslen (2003, 2007, 2010). Fica assim firmada a necessidade de se discutir essas questões não exploradas neste trabalho. Além disso, como não foram exploradas análises advindas de *corpus* composto por textos autênticos, seria interessante ver como as categorias aqui propugnadas pelos estudiosos tanto da Linguística Cognitiva quanto da Análise do Discurso poderiam ser operacionalizadas a fim de confirmar ou não o diálogo que, do ponto de vista teórico, se propôs nesta discussão.

REFERÊNCIAS

CAMERON, Lynne. *Metaphor in educational discourse*. London; New York: Continuum, 2003.

_____. Confrontation or complementarity? Metaphor in language use and cognitive metaphor theory. *Annual Review of Cognitive Linguistics*, Amsterdam/Philadelphia, n.5, p.107-135, 2007.

CAMERON, Lynne; LARSEN-FREEMAN, Diane. Complex systems and applied linguistics. *International Journal of Applied Linguistics*. Open University, n. 17 (2), p. 226-239, 2007. Disponível em: http://oro.open.ac.uk/15222/1/Preview_Article_accepted_version.pdf. Data de acesso: 18/08/2016.

CAMERON, Lynne; MASLEN, Robert. *Metaphor analysis: research practice in applied linguistics, social sciences and the humanities*. London; Oakville: Equinox Pub., 2010.

FERRARI, Lilian. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

FILLMORE, Charles. Frame Semantics. In: GEERAERTS, Dirk. *Cognitive Linguistics: basic readings*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006, p. 373-400.

FRANÇA, Junia. Lessa. (et al.); *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. 9. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert. Introducing cognitive linguistics. In: GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert. *The oxford handbook of Cognitive Linguistics*. New York. Oxford University Press, 2007, p.3-21.

GRIZE, J. B. *Logique et langage*. Paris: Ophrys, 1990.

KATZ, J.J.; FODOR, J.A. *The structure of a semantic theory*. Language, 1963.

LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

_____. *Don't think of an Elephant!: Know your values and frame the debate*. Vermont: Chelsea Green Publishing, 2004.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 2003.

_____. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LEGORSKI, Marina Chiara. *Significados: uma abordagem da significação pelos viesses da Semântica da Enunciação em comparação com a Semântica Clássica e a Pragmática*. 2007. 40f. Monografia (Graduação em Linguística) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

MORAIS, Argus Romero Abreu de. O pensamento inatingível: discurso, cognição e metáforas emergentes distribuídas. 2015. 249f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

PAVEAU, Marie-Anne. Discours et cognition: les prédiscours entre cadres internes et environnement extérieur. *Corela*, edição especial 6, 2007. p. 1- 21.

PAVEAU, Marie-Anne. Palavras anteriores. Os pré-discursos entre memória e cognição. *Revista*

Filologia e linguística portuguesa. Brasil, nº.9, p. 311-331, 2007.

_____. Réalité et discursivité. D'autres dimensions pour la théorie du discours. *Semen – Revue de sémio-linguistique des textes et discours*, Presses Universitaires de l'Université de Franche Comté (Pufc), 2012, p. 95-115.

_____. *Os pré-discursos: sentido, memória, cognição*. Tradução: Greciely Costa e Débora Massmann. Revisão da tradução: José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

ROSCH, E. On the internal structure of perceptual and semantic categories. In: MOORE, T. (ed.). *Cognitive Development and the Acquisition of Language*. New York: Academic Press, 1973. PP. 111-44.

_____. Principles of categorization. In: ROSCH, E.; LLOYD, B. (eds.). *Cognition and Categorization*. Hillsdale, NJ; NY: Lawrence Erlbaum, 1978. pp. 27-48.
TENUTA, A.M. Uma breve introdução à Teoria dos Espaços Mentais e da Teoria da Mesclagem. In: HERMONT, A.B.; ESPIRITO SANTO, R.S.; CAVALCANTE, S.M.S. (Org.). *Linguagem e Cognição: diferentes perspectivas – de cada lugar um outro olhar*. 1. ed., Belo Horizonte: PUCMINAS, 2010, p. 85-103.

VIGNAUX, G. Une approche cognitive de l'argumentation. In: DOURY, M.; MOIRAND, S. L'argumentation aujourd'hui. GRIZE, J. B. *Logique et langage*. Paris: Ophrys, 1990.